

AVENÇA

REGENERACAO

Semanário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Leal da S. Tendeiro
Composição, impressão e Redacção na
Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueiroense
FIGUEIRO DOS VINHOS

Neutel Simões de Abreu

Foi prestada em Lisboa, na Sociedade de Geografia, no próximo passado dia 28, uma justíssima homenagem a Neutel de Abreu.

A iniciativa desta homenagem pertence à Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, que merece para nós os maiores incómos, pois além da iniciativa, levou a efeito tão justa consagração, que todos os figueiroenses lhe devem ficar gratos.

Só quem acompanha de perto o que são estas coisas, pode avaliar, o que é preciso fazer e demover antes de se conseguir alcançar o objectivo que se pretende.

A Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos sem clhar a dificuldades, aos seus corpos dirigentes, principalmente, se deve além da iniciativa, o triunfo da homenagem. Justiça a quem a merece.

Postas estas considerações, que como figueiroenses, temos o dever de registar, falaremos um pouco de Neutel de Abreu.

Embora Neutel Simões de Abreu, não fosse um desconhecido para nós, devemos confessar, que ignoravamos muito do seu valor.

Os jornais de grande circulação fizeram uma reportagem condigna, os oradores na sessão solene da Sociedade de Geografia, a que presidiu o illustre Chefe do Estado, exaltaram o valor de Neutel Simões de Abreu!

Mas a-pesar-de isso, nem tudo se publicou do que se disse.

O sr. Conselheiro João de Azevedo Coutinho, presidente da Sociedade de Geografia, ex-Ministro e Governador de Moçambique, referiu-se no final da sessão em termos tais, ao sr. Major Neutel Simões de Abreu, que impressionaram a numerosa assistência.



Major Neutel de Abreu

Em certa altura voltando se para o homenageado, disse:

Não conheço soldado com o nome, o brio, a nobreza e a coragem de Neutel de Abreu!

Você Neutel, resolveu o que muitos cientificamente não conseguiram.

Você foi um bravo, só a sua excessiva modéstia impediu que recebesse há mais tempo as homenagens que merecia pelos seus altos serviços à Pátria.

A Neutel de Abreu, deve-se a ocupação e pacificação de todo o norte de Moçambique; formação de postos, construção de estradas e linhas telefónicas.

Pode-se hoje andar de automóvel, por esplendidas estradas nessa região, e quem sabe... poucos saberão, que foram construídas por Neutel.

Muitos outros factos poderíamos citar em que prova a bravura e valor militar deste grande vulto colonial, da nossa terra, que passa para a história ultramarina, como um dos nossos melhores valores, do século XX.

Figueiró deve à providência este valor militar, precisa sabê-lo justificar, a-fim-de que as gerações futuras aprendam em Neutel de Abreu, a lição de

civismo, de valor militar, alto amor à Pátria, de carácter e honradez.

A' Câmara pois, compete, pôr o seu retrato na sala nobre dos seus Paços Municipais e nas escolas do concelho, em todas, a sua fotografia.

E' esta a opinião do homem, que pelo lugar que ocupa na política do concelho, do País e acompanhou esta justa homenagem, feita a um português de antanho, que honra a nossa Pátria e é uma glória para a nossa terra.

Figueiró vestiu se de galas para receber o heroi, na terça-feira, no seu regresso de Lisboa, fez bem, cumpriu a sua obrigação.

A' entrada da vila as autoridades locais, Mocidade Portuguesa, representantes dos grémios, filarmónica e muito povo esperou o homenageado.

Apenas chegou organizou-se um cortejo à frente do qual ia o major Neutel de Abreu, num carro aberto, ladeado pelo sr. Presidente da Câmara e Presidente do Grémio da Lavoura.

Dirigiram-se aos Paços Municipais onde se realizou uma sessão solene sob a presidência do sr. dr. Simões Barreiros, presidente da Câmara que tinha à sua direita o sr. dr. Juiz da Comarca e o sr. presidente do Grémio da Lavoura e à esquerda o sr. presidente do Grémio do Comércio, representante da Mocidade e da Casa do Povo.

Terminada a sessão em que falou o sr. presidente da Câmara, o sr. presidente do Grémio da Lavoura e da Casa do Povo, levaram o sr. major Neutel de Abreu a sua casa com o ceremonial do costume.

Assim terminaram as festas de homenagem ao nosso heroi, este valor militar, precisa estimar como um dos seus filhos, de maior vulto contemporâneo.

Dr. Simões Barreiros O afundamento do "Ganda"

A-fim-de tomar parte nas homenagens que se prestaram, em Lisboa a Neutel Abreu, para o que foi superiormente convidado, esteve em Lisboa na passada semana o nosso Director dr. Simões Barreiros, presidente da nossa Câmara e procurador à Câmara Corporativa.

Também para igual fim foram a Lisboa o sr. José Manuel Godinho e Manuel Ferreira, representando o Grémio do Comércio do nosso concelho.

Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos

Este organismo regionalista colocou na sala de recepção no passado domingo o retrato do sr. major Neutel de Abreu.

O acto foi realizado numa sessão solene presidida pelo sr. Presidente da Câmara de Figueiró e secretariado pelos srs. representantes do Grémio do Comércio e da Casa do Povo desta vila.

Rui de Sousa Ferreira

Com muita distinção concluiu o curso de agente técnico de engenharia este nosso amigo e estimado colaborador a quem apresentamos as nossas calorosas felicitações, desejando-lhe um futuro cheio de todas as prosperidades.

Mais milho

A nossa Câmara animada no sentido de não faltar o milho ao nosso povo, adquiriu mais um vagão.

Já tem outro encomendado para o fim da última quinzena do mês corrente.

Sulfato de cobre

Tendo faltado sulfato de cobre no nosso meio, caso grave na presente ocasião, o presidente da Câmara telegrafou ao sr. ministro da Economia a pedir providências, tendo sido imediatamente atendido.

Já não falta sulfato.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

A notícia do afundamento do «Ganda» — torpediado sem aviso prévio e depois alvejado a tiros de canhão por um submarino que não revelou a nacionalidade a que pertencia — causou em todo o país espanto e cólera: espanto — porque todos os beligerantes reconhecem como exemplar a nossa neutralidade, nada justificando, pois, actos, hostis contra a nossa navegação; e cólera — porque o torpediamento se fez à margem de todas as leis de guerra, em condições que indignam e apenas se explicam se atentarmos em que — como escreveu o «Diário da Manhã» — «nesta guerra tremenda que dilacera o Mundo há aventureiros que desprezam todos os princípios e todas as normas.»

«Só essas circunstâncias tornarão possível que se pratiquem barbarismos como o afundamento do «Ganda», barbarismos em que se revelam os mais torvos instintos de deshumanidade.»

Transcrevem os também algumas das palavras fortes e claras que «O Século» dedicou ao acontecimento:

«Todas as chancelarias das nações beligerantes têm reconhecido que Portugal cumpre, com rigor, os seus deveres de neutralidade. Porque motivo há marinheiros que se encarniçam contra a nossa escassa Marinha Mercante que só entre portos portugueses faz tráfego, e que tão necessária nos é nesta hora negra, quando noutros pontos arriscados podiam mostrar o seu heroísmo, honrar as suas fardas e glorificar as suas bandeiras?»

A linguagem do «Diário de Notícias» reflete igualmente a indignação — que é a de todos nós.

«Não podemos ser insensíveis a actos desta natureza, para os quais difficilmente se encontrará classificação, se atendermos a que são perpetrados contra um país cujos sentimentos de rigida e leal neutralidade têm merecido o justo reconhecimento por parte de todo o Mundo.»

Com licença!

Como todas as crianças, fomos nesses recuados tempos, muito amigos de contos, e, por eles, eramos obedientes, submissos e mais prontos para os trabalhos que nos destinavam.

Havia os de fada, de moiras encantadas e... os dos ladrões e assassinos que até nos causavam pesadelos nos nossos tranqüilos e pesados sonhos:—João Brandão, José do Telhado e Diogo Alves eram as figuras sinistras que mais vincavam na nossa mente o temor pelos facturas.

A fita, que aos nos os inocentes se desenrolava, era apavorante com as suas faças e ataques aos casais e aos indefesos transeuntes com o fim exclusivo de se apoderarem duns miserios vintens ou de algum pé de meia em solar antigo. Era também horrípilante o processo por eles usado para obrigar o desgraçado a confessar onde escondia o seu tesouro:—Tortura de banco, azeite fervente onde metiam os pés do padecente, ferros em braza a prefiurar os membros, etc. tudo lhe servia para os seus fins que era, pura e simplesmente, o roubo.

E nós pensávamos, que tempos esses em que era possível a prática de tais crimes! Nem sequer admitíamos a hipótese de que havíamos de assistir a maiores, mais hediondos e cobardes crimes dos que, em contos, eram atribuídos a João Brandão, José do Telhado, Diogo Alves e quejandos e que eram praticados com o fim de amealhar alguns cobsres pura e simplesmente. Agora achamos menos graves esses crimes, comparando-os com os que observamos e que são praticados com requintes de malvadez com o fim de aniquilar, assassinar, mulheres, velhos, crianças, só pelo prazer de matar. Os outros bandoleiros de profissão, queriam dinheiro, os de agora, vestem umas fardas, dizem-se pessoas civilizadas e não têm pejo de atirar para o fundo do Mar umas dezenas de vidas que vão no cumprimento do seu dever.

Tudo isto vem a propósito do insólito ataque do nosso navio mercante de nome «Ganda» que, saindo pouco depois do meio de Junho de Lisboa para as nossas colónias africanas, sem mais nem menos, foi tropediado no Oceano Atlântico já nas alturas de terras de Africa.

A surpresa foi de tal ordem que se converteu em pânico. A muito custo os passageiros em número de 72 conseguiram embarcar em duas balieiras, perecendo 5 no local do sinistro. Os cobardes atacantes assistiram à tragédia sem se mostrarem e, pela calada da noite, consumaram a proeza, metendo no fundo o Ganda com granadas incendiárias.

Uma das balieiras foi socorrida pouco depois da tragédia por um vapor de pesca português, onde vinham 17 naufragos. A outra menos feliz, andou à deriva, durante 4 dias e 3 noites até que, providencialmente, foram recolhidos por um barco hespanhol que, carinhosamente, levou exaustos os naufragos para Huelva.

E' difícil descrever a grandeza dos sofrimentos dos 50 infelizes durante esse enorme período de tempo. E' digno de todo o elogio o esforço despendido pelos administradores da companhia co-

POSTAIS ILUSTRADOS

O monte do Castelo

Que panorama tão belo! Como o homem é pequeno Neste monte sarraceno Da Senhora do Castelo!

Aqui e além a igreja Localisa os povoados. E a gente que ali moureja Nela faz os batizados.

A Vilharigues fronteira, No castro de Decegado Tem esculpido o passado Do heroi porta-bandeira.

Há tradição pelos cantos, Lendas que o tempo não gela, Igrejas que adoram santos Come frei Gil de Vouzela.

Montes e vales cortando Com as suas botas de aço, O comboio estuga o passo No seu cachimbo fumando.

Em baixo, o Vouga preguica, No seu leito de brocado. Além, segura a rabiça O lavrador enfadado.

Cantam as moças no Zela Batendo as pedras do rio, Com melros ao desafio Na sua fruta singela.

Na estrada, a imensa fita Que borda a falda das serras, Os carros, em alta grita, Recolhem o pão das terras.

Não sei que mais aprecio: Se os panoramas distantes Ou se as veigas verdejantes De aquí e de além do rio.

E que horizontes infindos! Panoramas sem igual Porventura dos mais lindos Dos lindos de Portugal.

Vouzela, 1937.

Francisco Pires

P. S.

As Galhas

No meu postal derradeiro Uma galha esfomeada Deu-lhe tamanha bicada Que enguliu um e inteiro, Deixando de pé quebrado. Um verso desempenado.

Foi o caso que eu «screvi «Seus palácios e chalés» Donde a saída do e Pós o sentido ao invés.

Mal haja, pois, tal bicada Dessa galha esfomeada.

Cascais, 1941

F. P.

José Pires Coelho David

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o sr. José Pires Coelho David, tesoureiro da Fazenda Pública aposentado e abastado proprietário.

Estabelecem o paralelo entre os bandidos dos contos da nossa meninice e os de agora, vemos que João Brandão, José do Telhado e Diogo Alves eram... quasi pessoas honestas!

Ulisses Júnior

CARTA

Lisboa 28 de Março de 1941

...Sr. Director da A Regeneração»

Figueiró dos Vinhos

O Signatário, em nome da Comissão de Melhoramentos da Póvoa, de Campêlo, tem a honra de rogar a V. Ex.a se digne dar publicidade no seu conceituado jornal, ás presentes extensas luthas, que são do teor seguinte:

1.º — No sentido de desfazer mal entendidos, existentes entre alguns naturais da referida Póvoa, se faz público que, os princípios orgânicos da Comissão, foram baseados, em dirigir circulares a todos os seus conferrâneos, que julgava em condições financeiras de responderem condignamente ao apelo que lhe era manifestado nas ditas circulares, a fim de angariar fundos para se construiram dois chafarizes, um em cada lado da povoação, dotada de água canalizada de nascentes próprios, construir duas pontes nos ribeiros que atravessam o povoado; comprometia se também de, no caso da receita colhida, apresentar reserva suficiente, se dirigir aos poderes públicos, solicitando-lhe a sua intervenção no sentido de se construir um pequeno ramal de estrada, a ligar á estrada «Figueiró—Campêlo», e assim se conseguiria os três melhoramentos, de absoluta necessidade na Póvoa.

2.º — Que alguns elementos responderam ao seu apêlo, de forma pouco correcta, dando a sentir a sua falta de amor pátrio e bairrista e outros nem chegaram a responder, com a agravante de para o fim em vista, o serem de entre aqueles que em melhores condições se reconhece de poderem dar o seu auxilio, e ainda de exercerem coação sobre outras pessoas, a seguirem-lhe o exemplo (desta vez a carapuça é só para quem ela servir) mas em devido tempo se tornarã publico os nomes daqueles que esquecendo os interesses colectivos da terra mã, só têm em mira os seus interesses individuais; sendo lamentável que no século presente ainda se apresentem seres humanos com uma visão tão curta que os leva a praticar actos que não permitam á sua terra acompanhar no progresso, os outros povos vizinhos, contribuindo para deturpar o trabalho mantido por aqui e que com o seu sacrificio, procuram engrandecer e ajudar a nação, o Estado Novo e o seu digno Chefe, pois é esse o sagrado dever de todos os que se dignam ser portugueses.

3.º — Que mantendo a dita comissão, o seu são principio de continuar no seu propósito de só ter em vista, o bem colectivo da sua modesta terra, sem dela esperar qualquer retribuição do seu esforço, visto que nesta cidade de Lisboa tem a sua vida montada, vem por este meio lembrar aquêles que, erradamente se desviaram do caminho do dever de sem quaisquer paixões de espécie alguma, se reconsideram e deem o seu voto, áqueles que, esquecendo todos os sacrificios, só querem conseguir pela ordem e trabalho, o que a sua terra ha tanto tempo anseio.

4.º — Que a manter-se tal estado de dificuldades, a verba que a Comissão já tem á ordem, produto de oferta de um pequeno número de filhos amigos da Póvoa, que por aqui mourejam, que sem se prepararem a sacrificios, quizeram manter a honra dos seus compromissos, e com o auxilio de 400\$00 que foram enviados de «S. Paulo Brasil», pelos senhores Manuel Nazário e Jo-

Atenção ao Inimigo

Nas «Matinais» do «Diário da Manhã» chama-se a atenção para o perigo que constituem determinadas actividades.

«O inimigo que, após várias tentivas falhadas, perdeu a esperança de nos bater do terreno da actividade politica ou social, refugiou-se no campo da litterate e da pseudo-cultura.

«E para a montagem de tal artimanha, vimos como conspícuos letrados de vara e meia alinharam em frente comum os grandes pensadores e divagantes desde Homero até ao Wilson dos catorze pontos, truncands e interpolando textos!»

Atenção ao inimigo!

Os métodos mundam com os anos. Mas eles não muda.

Depois das revoluções, as editoriais...

sé da Silva, espera concluir os trabalhos referentes a águas e chafarizes, mais não lhe sendo possível, visto a falta de recursos; dirigindo os seus respeitosa agradecimentos ao ex.mo sr. dr. Simões Barreiros, dignissimo Presidente da Câmara Municipal, pelo seu bom acolhimento, e pelo assistência que lhe tem vindo dispensando com a intervenção de técnico sr. José Menino e da digna junta da freguesia de Campêlo, para quem são extensivos os seus agradecimentos.

5.º — Que os trabalhos referentes a pontes e ramal, continuarão á mercê de quem tome a iniciativa de os encaminhar, ou que os dignissimos poderes públicos tenham a santa iniciativa de tomar a sua direcção e encargo podendo desde já contar com o apoio moral e material de todos os componentes desta comissão e dos seus leais colaboradores na medida das suas posses. E' neste sentido que, em nome de todos os honrados e modestos filhos da Póvoa que aqui lança com todos os seus principios sentimentais nacionalistas um sagrado apêlo, dirigido aos ex.mos s. r.hores, Ministro das Obras Públicas, Chefe do Distrito, e Presidente da Câmara Municipal de Figueiró, se dignem acarinhar com simpatia a sua Justa e Sagrada voz, para que a Póvoa seja dotada de um pequeno ramal, que pela sua curta distancia pouco dispêndio representaria e será o primeiro beneficio público, desde a sua existência, que aquêlo povo receberia; e que jámais esqueceria, por ver que os seus desejos não eram esquecidos, a exemplo do que tem sucedido a outros povos da mesma freguesia, e com isto se contribuiria para atenuar a grave crise e miséria que nesta quadra está assolando a classe trabalhadora da região, provocado em parte por efeitos do recente ciclone, que tantos prejuizos causou, destruindo todo o arvoredo que era a reserva de muita pobreza? Chama a atenção das autoridades sanitárias do Concelho ácerca ds uma doença que se apresenta com caracter misterioso, que desde á anos vem flagelando os moradores da Póvoa, chegando a resultar caso mortal na sua primeira vítima, que foi esposa sr. Marcelino dos Santos.

Sem outro assunto, em nome da mesma Comissão, rogo a V. Ex.a se digne aceitar as respeitosa desculpas, de, lhe ter tomado tanto espaço bem como lhe pede a vossa tolerância, para a falta de redacção teorica e ortográfica notada, que

CARRIEIRA

De visita a sua filha, a sr.ª D. Umbelina da Silva Vicente, professora em Fontão Fundeiro, encontra-se neste lugar o sr. António da Luz Vicente.

— Cumprimentámos na nossa redacção, os nossos amigos e assinantes srs. João Alves Pereira, de Aldeia Fundeira e Alfredo da Silva Carvalho, de Vilas de Pedro, que seguiam respectivamente, para o Cartaxo e Santarém, terras onde têm os seus negócios.

As Finanças da Colónia de Macau

A conta de exercício da Colónia de Macau, referente ao ano de 1939, acusa um saldo positivo de 1.466 994 patacas.

Este saldo foi obtido por um excedente de 733.952 patacas sobre as receitas orçamentadas e por despesas inferiores em 733.042 patacas ás previstas no orçamento.

Desde 1930 31 verificam-se ininterruptamente saldos positivos na gestão financeira desta Colónia.

No ano referido, a Colónia de Macau pagou, por antecipação, toda a sua dívida á Metrópole.

Inspeção de mancebos em 1941

Pelas 9 horas dos dias abaixo designados realizar-se-ão as Inspeção dos Mancebos desta Concelho: — Freguesias Arêga e Campêlo — dia 18 de Julho.

Figueiró dos Vinhos — dias 19 e 21 de Julho.

Aguda — dia 21 de Julho.

Pagamento de assinaturas

Foram pagas na nossa recollacção as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

Adelino Joaquim, Colmeal. José Menino, Fontão Fundeiro.

António da Luz Vicente, Lisboa.

José da Silva Novo, Alge.

José Lopes do Rego, Almo-fala de Cima.

José Graça, Altardo.

são próprios da pouca vocação para escritor jornalista, do seu autor.

N. B. — Se por qualquer motivo previsto por V. Ex.a haja impossibilidade em dar a pedida publicação «a título gratuito», esta comissão inspirada na confiança e consideração que depõe nos elevados dotes de V. Ex.a e do vosso jornal, do qual se confessa assinante, delega em V. Ex.a, se digno proceder á revisão do contendo da presente carta e aproveite só os pontos principais que note de útil, em prol do ponto de vista que se deseja atingir para os interesses da nossa terra, sem que com isso venham quaisquer encargos para a dita comissão, o que antecipadamente agradeço.

Pela Comissão

Joaquim Rodrigues

«AUTO-INDUSTRIAL» COIMBRA

4 Garagens de Recolha

3 Estações de Serviço

Lavagem - Lubrificação Especializada

SERVIÇO PERMANENTE

Avenida Navarro, 36—Sede

Avenida Navarro, 45—Garagem Lusitana

Avenida Sá da Bandeira, 104—Garagem Santa Cruz — Nova Garagem da Avenida Fernão de Magalhães

Com grandes oficinas de reparações mecânicas. Electricidade—Pintura—Segeiro—Estofador—Bate-chapas Banca de provas para afinação e reparação de motores a óleos pesados. Aparelhos de grande precisão para análise científica de todos os órgãos eléctricos dos motores. Aparelho hidráulico para desempenho rápido de carrocerias Rectificador de cambotas—Aparelhagem para rectificar e encamisar cilindros. Execução rápida e perfeita Pronto-Socorro privativo das oficinas

Todos os acessórios para o automobilismo

Distribuidores exclusivos em Portugal das Peças legítimas **CHEVROLET** da General Motors Company. Grande stock de peças—Opel—Blitz—Bedford—Oldsmobile—Vauxhall e G. M. C.

Depositários dos pneus DUNLOP e MICHELIN

Estações de serviço autorizadas, do Automóvel Club de Portugal 3-1

Telefones - Sede e Escritórios - 58 e 614-PBX. - Garagem e Oficinas - 540 e 941-PBX

CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: **Manuel Simões Barreiros & Irmão, L. da**

Sede—**FIGUEIRÓ DOS VINHOS**—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Não se efectua aos Domingos

Não se efectua às segundas-feiras

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Bolo	—	17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,50	—

Efectua-se às sextas-feiras

Efectua-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa: **AUTO-LYZ**—R. da Palma—Tel. 21363

CAMISAS LIMPOPE

MARCA REGISTRADA

A única camisa com colarinho indeformável. A' venda no Estabelecimento de **Gustavo Coelho Godet.**

Figueiró dos Vinhos

João Leal da Silva Tendeiro

Médico Veterinário Municipal
Clínica Geral
Operações e Vacinações
Figueiró dos Vinhos

GÉLO

VENDE-SE qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pera

EMPRESA DE CAMIONAGEM

A. J. ALVES & C.ª

Maçãs de D. Maria

HORARIO DAS SUAS CARREIRAS -

Pontão - Pombal

às Terças, Quintas e Domingos

	Chegada	Partida
Pontão	—	8,30
Ancião	8,50	9,00
Pombal	9,45	16,00
Ancião	16,50	17,00
Pontão	17,15	—

Cabaços - Coimbra
DIARIA - (excepto aos Domingos)

	Chegada	Partida
Cabaços	—	6,45
Alvaiázere	7,00	7,05
Pontão	7,50	8,00
Coimbra	9,30	16,30
Pontão	18,00	18,10
Alvaiázere	18,55	19,05
Cabaços	19,20	—

(Não se efectua nos dias 25 de Dezembro, 1 de Janeiro e dias de Carnaval).

A carreira **Cabaços-Coimbra**, de 16 de Maio a 30 de Setembro sai de Coimbra, meia hora mais tarde. 24-18

Inglês

Lições de teoria e prática. Quem desejar dirija-se a Dr.

Alvaro Amorim Pinto em Castanheira de Pera.

Alvaro Amorim Pinto
Advogado

Castanheira de Pera

Em PEDRÓGÃO GRANDE: todas as segundas-feiras até ao meio dia

CONSULTORIO DENTARIO

A. MARTINS NUNES

DOENÇAS DA BOCA E DENTES :- DENTES ARTIFICIAIS

Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia

Praça **JOSÉ MALHOA**
Figueiró dos Vinhos

Reabriu o seu consultório no primeiro domingo de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

Armazém de Ferro, Aço e Carvão

Ulisses António da Conceição

Pombal :- Telefone n.º 7

Completo sortido de ferragem, ferramentas, tintas e louças

Materiais de construção

Artigos sanitários—Tubos de ferro grês e de fibro-cimento

Agente-depositário de:
Cimento LIZ—Produtos LUZALITE—CERAMICA DE FAVEIRO Cal hidráulica MACIEIRA 24-24

- Os melhores preços -

Joaquim J. Fernandes
Medico Municipal

Clínica geral
Doenças das crianças
Figueiró dos Vinhos

J. Rodrigues de Oliveira

Médico da Casa do Povo
Doenças de Pulmões - Partos
Clínica Geral

— Consultório e residência :—
Praça José Malhoa.

Banco Espírito Santo
e Comercial de Lisboa

SEDE — **LISBOA**

Filiais—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e

Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

Serviço permanente

EM

Automóvel de aluguer

Telefone 6

Alfredo David Campos
Café Central

Figueiró dos Vinhos

Anibal Silveira Herdade

Figueiró dos Vinhos

R. Dr. Martinho Simões

Agente e depositário dos produtos

Lusalite — Cimentos — Cal Hidráulica

24-2

Comissões e Consignações

NO BARREIRO

Vende-se a casa de habitação de Albino dos Santos, que consta

de 1.º e 2.º andares, adega, quintal com árvores de fruto, vinhas e água; oficina mecânica anexa com todas as ferramentas e mais pertences, que se vende em separado ou em conjunto com o prédio.

Quem pretender pode dirigir-se à sua proprietária

Elvira Simões dos Santos
Figueiró dos Vinhos

Cinco Vilas

Conferência feita pelo sr. dr. Alberto do Rêgo, na Casa de Leiria

(Continuado do número anterior)

É a verdade é que, mesmo nesse tempo distante, os referidos concelhos mantiveram sempre boas relações com a capital do distrito e todos os elementos oficiais lhe prestavam a melhor e mais benévola atenção. Um certo desconhecimento mútuo provinha das circunstâncias geográficas e, como disse já, das dificuldades de comunicação. Antes de deixar Leiria e o seu liceu, quero evocar aqui a memória dos antigos professores que lá tive e de que nunca me esquecerei. Lembro-me especialmente do dr. Vicente Pedro Dias. Alguns dos meus ouvintes ainda o recordarão. Era uma excelente pessoa e um excelente professor que sabia pôr vida no que ensinava, interessando assim os seus alunos pelo que estudavam. Ainda me recordo bem de que, quando chegávamos à história da revolução francesa, descrevia com tão vivas cores as figuras mais representativas dessa época terrível, que nós sentíamos calafrios e, viamos essas cenas espantosas e terríveis, graças ao talento evocador dum mestre de alto merecimento. Quero referir-me também ao Dr. Jordão, professor de física. Era um bom mestre e lembro-me que, tendo ido em 1889 à exposição de Paris, nos falava das maravilhas dessa exposição, especialmente da maior delas, o fonógrafo que, pela primeira vez, se ouvia na Europa. Era preciso entrar numa bicha e esperar horas seguidas para que, aos ouvidos humanos chegassem, por intermédio de auscultadores, uns sons que pretendiam ser, ou as notas cristalinas da Páti ou o canto banal do galo. O Dr. Jordão lamentava a sua pouca sorte porque ouvira o galo e não a Páti. Nós, é claro, pasmávamos em frente de tais narrações e assim se ia criando no nosso espírito essa admiração beata pela ciência e pelo seu infinito poder. Mal diríamos então que essa mesma ciência, perdendo muitos dos seus valores espirituais, havia de dar a terrível técnica moderna que, escravizando o homem à máquina e servindo cegamente o progresso material, o eterno novo rico, como muito bem lhe chamou Pierre Goemare numa bela conferência feita há meses, havia de chegar ao trágico prodígio de transformar o céu em arsenal da morte, como hoje ruidosamente se está vendo e ouvindo. E também o dr. Jordão nos falava na Torre Eiffel que era a máxima atracção dos visitantes de Paris nessa época. Toda a gente pasmava ao ver e ao pensar nesse gigantesco monstro de ferro que a audácia de um homem elevava acima de tudo o que até então se construira no mundo. Foi esse talvez o primeiro passo do americanismo a invadir a Europa, começando assim essa invasão pela cidade famosa que, pelas suas tradições, pela sua beleza equilibrada e incomparável, era a síntese perfeita do que a arte de construir de mais belo tinha criado no mundo. Mais tarde houve uma reacção excessiva de verdadeiro espírito francês contra a torre que, diziam, ficava mal e profanava as belas proporções de Paris. E, se não tivesse sido aproveitada para suporte magnífico das antenas da T. S. F., talvez a tivessem desmontado, o que seria um erro, pois assim se perdia

uma testemunha eloquente das concepções civilizadoras das últimas décadas do século XIX, o decantado século das luzes que, com tanta luz, cegou a humanidade e a atirou para o caos em que hoje trágicamente se debate. Este caso da Torre Eiffel fará recordar o que se deu no século XVIII com Voltaire e a catedral de Notre Dame, também esta queria que essa maravilha gótica fosse destruída porque era um documento dos negregados tempos medievais e, em comparação com as belezas arquetónicas e culturais que a renascença revelara, não passava dum bárbaro produto da imaginação desequilibrada de povos quasi selvagens. Assim pensava, um dos maiores espíritos da França daquele século e provavelmente era esse o clima da época. Milagre foi que todas essas maravilhas góticas, que são hoje uma das maiores riquezas artísticas da Europa, tivessem escapado aos fanáticos do progresso. Tudo isto nos demonstra como espíritos geniais podem descer às mais estravagantes concepções logo que a cegueira da paixão os conduz na vida. Quando em nossa mente comparamos a gelada frialdade da catedral de S. Pedro, em Roma, com o místico e impressionante beleza dos templos góticos, imediatamente sentimos a dominadora superioridade destes em tudo o que representa verdadeiro sentimento religioso e verdadeiro sentimento artístico que muitos pontos têm de contacto. E pondo ponto nesta melancólica evocação dum passado distante vou convidar V. Ex.ª para me acompanharem num passeio aos concelhos de serra e em especial a região das Cinco Vilas. Esse grupo de povoações Aguda, Avelar, Chão de Couce, Maças de Dona Maria e Pousa-Flores, antiga comarca das Cinco Vilas, transformada em 1836 em dois concelhos com sede um em Chão de Couce e outro em Maças de Dona Maria, fazendo parte do primeiro as freguesias de Avelar, Chão de Couce e Pousa-flores e do segundo Maças de Dona Maria, Aguda e freguesia de Arega, esse grupo, unido por motivos regionais, históricos e sentimentais, não agradava à regedoria política dos tempos e em 1859 foram suprimidos e incorporados no de Figueiró dos Vinhos o que fez com que este ficou a ser dominado por aquêles. Esta situação manteve-se mais de 40 anos e por fim realizou-se a divisão do bloco das Cinco Vilas: Avelar, Chão de Couce e Pousa-flores para Ancião, Aguda e Arega ficaram em Figueiró e Maças de Dona Maria viajou para Alvaiázere e a verdade é que hoje todos se sentem bem e não me parece que, nas referidas povoações haja desejos de regresso à comarca histórica ou mesmo aos dois concelhos criados em 1836. Em todo o caso é justo dizer-se que um amigo meu, muito querido, dizendo que as Cinco Vilas são a Polónia do alto distrito de Leiria, teve uma similé feliz. Mas devo acentuar que os políticos actuais não têm a mínima responsabilidade em tais acontecimentos e com justiça se pode dizer que sempre procuraram ser agradáveis à minha região e nem de longe se podem comparar aos dominadores da nobre e sacrificada Polónia. As cinco povoações a que me venho

A escola reabriu

por Maria Tereza Lemos

O povo ficou contente: dava um ar mais alegre à aldeia, assim á quella porta aberta e as rapariguitas a entrarem para a escola, de roupas domingueiras, por ser o primeiro dia, e com o cabelo lúcido e gorduroso do azeite e do petróleo que as mães puzeram para lhes limpar a cabeça.

Há mais de um ano que a escola fechara, porque a professora já estava velha e aposentara-se. Não viera nenhuma substituí-la, não se sabia porquê. Dizia-se que havia professores demais e falava-se ao mesmo tempo em professores desempregados...

No entanto, não era só nesta aldeia que isto sucedia, havia outras escolas pelo país que não tinham também professores.

Nesse ano, como é natural, não houve exames. Muitas das alunas agora já tinham esquecido quasi tudo. Só aquelas que os pais puderam e conseguiram mandar para a escola da aldeia mais próxima, ou as que entregaram à ti Maria, que levava uns tostões por mês de ensinar o que sabia, só essas, principalmente as mais crescidas, é que conservavam na memória alguma coisa do que tinham aprendido.

O professor da aldeia, homem dos seus quarenta anos, não aceitava alunas, pois bastavam-lhe os rapazes que não eram poucos, e demais tinha pouca saúde. Às vezes saía da aula com o lenço mascarrado de sangue a tapar a boca. Pois, estava dias sem lá ir.

Mas a escola feminina voltou a abrir-se. Porém, nesse espaço de tempo em que esteve fechada, não foi restaurada, e de novo as crianças correm o perigo de se maguarem ou até de morrerem lá: o soalho da grande varanda está podre, com buracos e com falta de tábuas.

referindo foram feitas vilas por forais do D. Manuel, em 12 de Novembro de 1451. A conservação do nome de Cinco Vilas que, confesso, me é muito simpático, só terá um valor sentimental e histórico que, creio não fará mal a ninguém, a não ser a certos rotineiros do progresso, para que servir dum expressão feliz de Wanda Landowska, que em todas as coisas ligadas ao passado sentem cheiro a bafo e veem disfarçadas tentativas reacionárias para se voltar atrás. A mentalidade motorística que hoje tende a abafar tudo o que represente uma aspiração ideal e o culto do superfluo, que é isso a verdadeira civilização, vai transformando o mundo no covil de feras que actualmente se despedaçam. No dia em que S. Paulo, condenado em Jerusalém, podia, perante o pre-consul de Roma, como cidadão romano, apelar para César e aquele lhe dizia que sim que tinha esse direito, nesse dia nascia a verdadeira civilização. O direito romano, temperado, na sua rigidez, pela caridade cristã, tornou possível a única e admirável civilização que infelizmente parece ir hoje a caminho de completo naufrágio, se a loucura humana não parar a tempo em frente do pavoreoso abismo para que paixões e ambições sem freio trágicamente a impelem. Já Renan dizia que um belo pensamento, um nobre sentimento, um acto virtuoso, fazia bem melhor do homem o rei da criação do que o facto de fazer chegar instantaneamente ao fim do mundo as suas ordens e os seus desejos. Desculpem V. Ex.ª mais esta divagação inútil para os espíritos de elite que me estão ouvindo e vamos até às Cinco Vilas. E como falo especialmente para pessoas de Leiria, de lá partiremos. A estrada, graças ao Estado Novo, é muito boa e até Pombal, permite, sem perigo grandes velocidades automobilísticas, que parece ser o maior prazer da juventude actual. Carregue-se, pois no acelerador e em poucos minutos estaremos em Pombal, vila importante que, em poucos anos, se transformou por completo. Veja-se pelo menos o seu jardim e o elegante castelo, lindamente situado e cuidadosamente restaurado. Desta vila para Ancião, recomenda-se aos insaciáveis estradofagos um certo cuidado com as curvas que são numerosas e bastante traiçoeiras. Além disso a região que se atravessa nada tem de interessante, a não ser, pouco antes daquela vila,

as margens da ribeira que parte dos Olhos de Água. Seca no verão, apresenta no inverno e na primavera, água abundante e muito clara que suavemente desliza num vale bastante belo, todo cheio de oliveiras e carvalhos. Esse vale é em alguns pontos e à direita de quem segue para Ancião, talhado quasi a pique em rochas de riço calcáreo que fazem lembrar restos de formidáveis castelos em cujos recantos poderia a trompa de Sigfried encontrar ecos dignos dela. Ajudados mais dois ou três quilómetros, desce-se para um vale mais largo, em cujo lado sul se estende o casario daquela vila em ligeiro declive do sul para norte e ao longo da estrada que segue do ponto de partida para nascente. Ancião é sede de comarca e concelho, tem comércio bastante desenvolvido, mercados dominicais importantíssimos e feira mensal que é das mais concorridas da região. Vila de nobres tradições, pode orgulhar-se de dois filhos verdadeiramente notáveis: Pascoal José de Melo Freire, eminente jurista e Jerónimo Soares Barbosa, erudito e gramático de altíssimo valor. Essas duas personalidades são as mais notáveis que os concelhos da serra têm produzido. Ancião transformou-se por completo nos últimos anos e é hoje, sem favor, uma vila digna de ver-se, sendo pouco vulgar entre nós o asseio que por toda a parte se nota. A terra presta-se especialmente à boa cultura da batata e dá um vinho ligeiro que muito agrada aos bons apreciadores. Por todos os arredores da vila há muitas oliveiras, carvalhos e pinheiros, o que faz entrar aquela região no número das mais arborizadas do nosso país. A amenidade do seu clima, conjugada com misteriosas condições telúricas, faz com que a tuberculose seja muito rara e muitos casos importados lá tenham melhorado. Seguindo agora a estrada que leva ao Pontão, é conveniente que os viajantes, ao chegarem ao alto da serra dos Carascos, reparem por momentos no panorama lindo que na sua frente se apresenta. É abaixo das Cinco Vilas ou, mais especialmente, a baixa de Chão de Couce. Esse panorama entra no número dos mais belos do nosso distrito e até de Portugal. Mas como me podem acoirar de exagerado ao referir-me à minha terra, transcreverei o que de tal vista diz o saudoso Raul Proença no seu admirável guia de Portugal. (Continua no próximo número)

Vôo sem visibilidade

A vida normal na pista de uma escola de pilotagem é aparentemente semelhante, quer se trate de uma escola usual, quer de uma escola de vôo sem visibilidade: ao lado dos aparelhos—escola prontos para a largada, os alunos em pequenos grupos em volta dos respectivos instrutores, rememoram os seus conhecimentos e ouvem as últimas recomendações.

Porém, os alunos que encontramos nas pistas das escolas de vôo sem visibilidade já não são simples principiantes, mas sim aviadores feitos, ou, pelo menos, com um determinado número mínimo de horas de vôo em grandes aviões. Encontramos ainda radiotelegrafistas de bordo, os quais, como veremos, constituem elemento capital na tripulação de um bombardeiro.

Para se habilitar a conduzir um avião em vôo sem visibilidade, ou seja sem ver terra firme, durante a noite, através de nuvens e de nevoeiro cerrado, a primeira dificuldade consiste na aprendizagem do funcionamento de uma larga série de aparelhos auxiliares deste vôo. E que será! Velocímetro, horizonte artificial, indicador de derivação, altímetro e muitos outros, dos quais é necessário conhecer nas mais delicadas e diferentes particularidades do seu complicado maquinismo, da sua utilidade e do aproveitamento das indicações por eles fornecidas.

Contudo, o elemento principal e fundamental da navegação aérea sem visibilidade é a radiotelegrafia. Se em vôo normal o piloto pode determinar a posição do aparelho e orientar-se observando os acidentes geográficos importantes da superfície terrestre, nas ditas condições de falta de visibilidade tal processo torna-se inteiramente inaplicável, e há então que recorrer aos referidos métodos radiotelegráficos da navegação aérea. Com efeito, sempre que um aparelho vôe entre as nuvens ou sobre elas, é por si mesmo evidente que, deixando de poder orientar-se segundo a superfície terrestre, apenas lhe resta a telegrafia como meio de determinar a sua posição no espaço.

Em duas palavras, o processo resume-se na emissão sucessiva, pelo avião e pelas estações em terra, de sinais "morse" de chamada. Circuitos especiais de recepção, relativamente simples, permitem estabelecer de que lado provém o sinal emitido e recebido, e, em seguida, pela conjugação das indicações assim apuradas quanto a umas e outras daquelas chamadas, torna-se possível fixar a posição do aparelho no espaço. Deste modo, obtido o ponto de partida indispensável, nenhuma dificuldade resta e oferece a aplicação dos vulgares métodos de navegação sobre cartas geográficas.

Para os alunos se poderem ir progressivamente aperfeiçoando na sua aprendizagem, existem nas escolas alemãs modelos das cabines ou carlingas destes aviões, onde — com a calma de quem está em solo firme — os candidatos se exercitam. Por fim, e antes de serem largados seguem-se ainda os vôos ditos... atrás da «cortina». Instrutor e aluno sobem para um avião de duplo comando e sentam-se lado a lado. Após a descolagem o instrutor tapa o envidraçado da cabine com um pano preto — uma «cortina» — e o aluno acha-se assim mergulhado... na mais negra noite. Eis a forma prática pela qual se efectua a instrução em condições de verdadeira realidade. O instrutor, claro está, segue ao lado atento e pronto a corrigir qualquer erro do candidato,